CONNECTION LINE REVISTA ELETRÔNICA DO UNIVAG n. 11 (2014)

ISSN 1980-7341

O BRINCAR E SUA FUNÇÃO NO PROCESSO ANALÍTICO INFANTIL

Luzia Janaina Soares Ferreira [1]
Marcelo Campos [2]

RESUMO

O presente artigo é uma pesquisa bibliográfica, tendo por objetivo abordar o brincar no atendimento clínico infantil, a partir da teoria da psicanálise Nele, estabelecemos uma breve reconstituição histórica acerca da proposição do atendimento clínico com crianças, iniciando por Freud com o caso Pequeno Hans, perpassando por Anna Freud, Melanie Klein e Winnicott. Procuramos destacar os impasses vivenciados, utilizando a experiência de estágio na clínica-escola do UNIVAG com o atendimento infantil seguindo o viés teórico lacaniano, o que possibilitou algumas reflexões acerca do brincar e sua função no tratamento clínico com a criança.
Palavras-Chave: Criança. Técnica Lúdica. Transferência. Psicanálise Infantil.

ABSTRACT

The following article is a bibliographical research, with the purpose to approach the act of play in infantile clinical treatment, from the theory of psychoanalysis. In it, we established a brief historical reconstruction on the proposition of clinical care of children, beginning with Freud's Little Hans case, bypassing Anna Freud, Melanie Klein and Winnicott. We seek to highlight the dilemmas experienced by using the experience of training school clinic UNIVAG with infantile care following the Lacanian theoretical bias, which allowed some thoughts about the play and its role in infantile clinical treatment.
Keywords: Child. Play Therapy. Transference. Child Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

A academia nos proporciona experiências únicas, que levamos por toda nossa vida. No caso, dentro da temática do brincar no atendimento analítico infantil, proposta neste trabalho, observamos que pouco se encontra de material impresso que pense o assunto a partir de uma ótica Lacaniana, partindo daí o interesse em escrever sobre o tema. Reconhecemos não ser este um tema novo, mas, no entanto, acreditamos ser um trabalho que venha contribuir academicamente para possíveis discussões.

1

[1]Acadêmica do Curso de Psicologia Univag. E-mail: luziajanainasf@hotmail.com

2

[2] Orientador, Professor mestre do curso de Psicologia, Supervisor de estágio em clínica, Psicólogo.

ISSN 1980-7341

Não surgindo o tema assim por acaso, mas, somando ao interesse acadêmico que por si só respalda sua importância dentro de uma perspectiva teórico/clínica, também surge por uma inquietação gerada por questões particulares. Na época, ainda de uma maneira muito leiga, este movimento advinha de um lugar alheio ao que de mais profundo e íntimo possa circundar a vida de um ser humano. Vale citar aqui o autor Calligaris (2004) em sua obra Cartas a um Jovem Terapeuta onde enfatiza que só podemos lidar com aquilo que é de nosso conhecimento, que vivenciamos em nosso próprio cerne.

Neste contexto, tais questões alimentaram uma curiosidade extrema por entender como se dava o processo de atendimento clínico com crianças. No decorrer do caminhar

Acadêmico esta angústia foi tomando uma forma mais elaborada, os questionamentos foram tomando forma teórica. Compreender como o processo analítico com a criança se dava seguindo o viés teórico da psicanálise lacaniana, tomou frente às inquietações, logo se tornou uma temática proposta a reflexão.

A partir dos atendimentos acompanhados em estágio na clínica do UNIVAG, o primeiro teve um papel muito importante neste desenrolar temático. Porém, neste momento ainda não se podia ver o que acontecia por trás dos bastidores dos atendimentos com crianças, assim como nos dois outros casos subseqüentes. As dificuldades relatadas são de extrema relevância para este momento de formação; mais ainda, é a maior expressão interior que impulsionou à escrita do tema em questão.

Neste contexto, entender o processo de transferência se apresenta aparentemente de uma maneira muito complexa e distante. No entanto, poder falar com os pacientes de modo a entender e assimilar suas expressões, foi ficando mais visível a cada atendimento, apesar de algumas dificuldades ainda angustiantes. Fato que possivelmente no decorrer da nossa caminhada profissional sempre algo vai tomar esse lugar. Sendo o atendimento com crianças algo fascinante e encantador.

Assim, seguindo a teoria psicanalítica, é de nosso conhecimento que a cura se dá pela fala, que a mola propulsora do tratamento é a transferência, e que esta maravilha se dá através da

ISSN 1980-7341

associação-livre em um ambiente de análise. Reflexão que nos leva a questionar então: Se criança, não dispõe ainda de uma linguagem elaborada para expressar suas angústias, possibilita o estabelecimento da transferência em seu tratamento? De que maneira?

É possível responder que sim. Visivelmente a criança vive em um constante brincar, sendo esta uma maneira privilegiada de expressão. É desta forma que o sujeito se constitui e é inserido na ordem simbólica. Na psicanálise podemos tratar do brincar no atendimento infantil como a técnica que nos possibilita revelar o inconsciente da criança, tendo o seu grau de importância dentro da teoria psicanalítica em uma equivalência a associação-livre no adulto.

Não se tratou, assim, dentro da teoria, de se criar uma técnica especial para o atendimento infantil, mas sim de uma maneira de escutar a criança através do lúdico, onde as formações inconscientes se apresentem nesta livre maneira de expressão de um modo muito peculiar a "inocência" desses pequenos seres. É através do brincar que a transferência com a criança se estabelece.

Apesar de responder ao questionamento proposto de maneira sucinta e breve, não entendemos ainda como suficiente. Fato que nos leva a tentar tratar do brincar enquanto técnica no atendimento clínico infantil, viabilizando uma discussão acerca dos conceitos da teoria. Para atingir nosso objetivo, a metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica, partindo de Freud como pioneiro nesta dinâmica de tratamento até Lacan na atualidade, perpassando por Anna Freud, Melanie Klein e Winnicott e discutiremos o brincar no atendimento clínico infantil procurando destacar os impasses vivenciados, utilizando a experiência de estágio na clínica-escola do UNIVAG, seguindo o viés teórico lacaniano.

HISTÓRICO DA PROPOSIÇÃO DO ATENDIMENTO INFANTIL

A criança enquanto sujeito se estrutura através do Outro, se espelhando em suas atitudes e absorvendo o que está implícito em seus movimentos. O inconsciente aqui em estruturação está em um estágio de alienação ao outro. O sujeito, sendo ele criança ou mesmo o adulto, está em constante desenvolvimento psíquico. A diferença entre um e outro está calcada na maneira como

ISSN 1980-7341

cada um se posiciona diante da vida, como lidam com seus afetos, o que refletem a maneira inconsciente a que estão estruturados.

Uma reconstituição histórica do caminhar no atendimento clínico infantil à luz da teoria psicanalítica se faz necessária para um melhor entendimento. Para este fim, seguiremos utilizando os autores Arminda Aberastury (1982) e Ryad Simon (1986), que referenciam que Freud em 1905, em seus estudos sobre tratamento da neurose no adulto, descobre que esta teria origem nos primórdios da infância. No entanto, Freud já tinha conhecimento de que para obter a cura o sujeito teria que encontrar meios de transpor o que está recalcado no inconsciente e torná-lo consciente. Processo possível mediante a utilização do pilar de sustentação da teoria Freudiana que consiste na associação livre, transferência e interpretação.

A autora Aberastury (1982) enfatiza que o primeiro caso registrado de atendimento infantil na psicanálise é sobre a fobia de um menino, o Pequeno Hans. O paciente em plena vivência de seus cinco anos de idade, tratado indiretamente por Freud. O processo analítico de Hans se deu por intermédio das intervenções pontuadas por seu pai, onde Freud contribui com algumas orientações de condução do tratamento. Procedimento que só foi possível mediante a união de dois fatores imprescindíveis no caso: a união da autoridade paterna e médica, e ainda o interesse familiar em uma única pessoa (no caso o pai), juntamente com o interesse científico (no caso Freud). Ressaltando que em outras situações este tipo de conduta é inviável. Freud, apenas o desejo de confirmar a teoria da sexualidade infantil, não despertando nenhuma possibilidade ou mesmo necessidade de estruturar uma linha de pensamento para aprofundamento técnico do atendimento com crianças. No entanto é a partir de Hans que a possibilidade de análise com crianças começa a despontar na teoria psicanalítica. Freud então descobriu que a criança embora não fosse capaz de verbalizar seus afetos, entendia perfeitamente o que lhe é verbalizado.

A partir desta experiência pioneira de Freud, outros autores apostaram na analisabilidade da criança, contando inclusive com o surgimento das técnicas “específicas” para o tratamento com crianças. Muitas especulações e descrenças acerca da temática surgiram. Alguns psicanalistas se propunham a atender seguindo a teoria, no entanto, foi dentro deste processo experiencial que algumas dificuldades surgiram, mas que também possibilitaram uma

ISSN 1980-7341

reelaboração neste contexto. Assim a técnica lúdica foi introduzida como forma de expressão da criança.

Segundo Aberastury (1982), um dos primeiros a testar e visualizar as dificuldades da aplicação do método de Freud em pacientes pequenos foi em 1913 por Hug- Hellmuth, que apesar de desenvolver um trabalho de cunho pedagógico, procurou a solução para as dificuldades encontradas nos atendimentos clínicos, se utilizando da observação e da disposição para brincar com seus pacientes, porém, não tornou seu método sistematizado. Já Rampert da Suíça, propôs o jogo da marionete composto por personagens essenciais do convívio da criança, com intuito de possibilitar a expressão dos seus conflitos. Contudo, embora este jogo despertasse as emoções mais íntimas da criança, não produzia efeito esperado no tratamento. Não era possível atingir a totalidade do público alvo, pois aquelas crianças mais tímidas não conseguiam desenvolver a atividade. Depois dessa iniciativa de Hug-Hellmuth e Rampert, são publicadas as primeiras obras sobre o tema, pelas autoras Sophie Morgenstern na França, Anna Freud e Melanie Klein em Viena.

Aberastury (1982) descreve que Morgenstern descobre o valor do desenho na análise por meio de uma experiência clínica, técnica que até então eram utilizadas por terapeutas de base teórica não analítica. Ao obter o sucesso com o uso da técnica em um de seus pacientes, um menino de dez anos, resolveu aplicá-la em todos os seus pacientes. A partir daí acredita que é possível visualizar o conteúdo latente por meio do conteúdo manifesto através do desenho, ganhando este status de associação livre. Sua contribuição é demarcada pela publicação de seu livro “Psycanalise Infantyle”, em Paris no ano de 1937.

No entanto, a autora Aberastury (1982) traz ainda que a precursora a inserir e adotar o lúdico como técnica no atendimento infantil foi Melanie Klein. Por meio da sua sensibilidade, identificação e interesse pela análise de crianças, ingressa na sociedade psicanalítica. Klein possuía uma percepção muito peculiar para lidar com as primeiras dificuldades esbarradas no atendimento de crianças, a técnica. A falta de técnicas para o manejo do atendimento a levou a refletir de que maneira a criança poderia se expressar para possibilitar o tratamento a caminho da cura.

ISSN 1980-7341

As diferenças existentes entre análise da criança pequena e do adulto estão na maneira como cada um se posiciona e expressa sua angústia. Assim, o fato da criança não possuir subsídios verbais suficientes como um adulto para entrar em associação-livre na análise, impossibilitava o andamento do tratamento. Esta é a grande contribuição de Klein para a psicanálise no atendimento clínico com crianças, ao dotar o brincar como mecanismo transferencial, como a verbalização da criança ao expressar o inconsciente. Simon (1993, p. 8,) afirma que Klein "[...] refletiu que o modo natural de expressão da criança é o brinquedo. [...] E, se tiver algum significado, poderá revelar algo da situação infantil: através de adequadas interpretações tornar-se-á inteligível para o observador e também para a criança.".

Outra referência no atendimento infantil é Anna Freud, que, através de seu estilo de atendimento, diferenciou-se de Klein em relação à técnica lúdica. Essas divergências tornaram-se marcantes na opinião de Simon (1986) e Aberastury (1982) no que diz respeito a certos aspectos teóricos: a maneira de abordar a transferência, as diferentes maneiras de entender o ego e superego, o complexo de Édipo e a relação de objeto.

Neste contexto, Simon (1986) enfatiza que enquanto para M. Klein o brincar no atendimento ganha status de condição primordial para o estabelecimento da transferência em análise com a criança, para A. Freud o brincar está localizado em uma condição secundária. É apenas um mecanismo de observação, sua utilização não tem objetivo de acesso à vida psíquica da criança. Seus métodos de trabalho eram de cunho pedagógico e se pautavam na interpretação dos sonhos, dos devaneios e dos desenhos. Concepção que posteriormente se modificou, pois no decorrer de sua experiência aderiu ao lúdico como técnica essencial no tratamento infantil.

Não podemos encerrar esta constituição histórica sem utilizar o autor Nasio (1995) que destaca outra referência de extrema importância no caminhar dessa trajetória da proposição da análise infantil. Assim, Nasio nos revela Winnicott, que começa a atuar como pediatra em 1923, mesmo período em que também dá início na sua análise pessoal. Contudo, foi através dos embates entre Anna Freud e Melanie Klein que em 1927 adentra em sua formação em psicanálise. Estas duas especialidades somadas a um único profissional é um marco diferencial para época dentre a categoria dos profissionais da pediatria.

CONNECTION LINE REVISTA ELETRÔNICA DO UNIVAG n. 11 (2014)

ISSN 1980-7341

Nasio (1995) destaca ainda que em seu caminhar enquanto psicanalista, Winnicott se deparou com tentativas frustradas em expressar para M. Klein e outros psicanalistas Kleinianos sobre “o fator ambiental”, os quais na receptividade demonstravam desinteresse ou até mesmo desconfiança. Contudo, é a partir do seu esgotamento quanto às divergências entre A. Freud e M. Klein que ele lança o campo transicional. Para ele, a angústia que o sujeito passa está relacionado com certas negligencias do seu ambiente cuidador, o sucesso no desenvolver da criança está relacionado com o sentir-se real. Traz o objeto transicional como sendo a alavanca para a simbolização do eu/não eu para a criança. Este serve como um apoio para que a criança possa promover a separação da mãe. Para ele a criança através do brincar transpõe as barreiras para as experiências culturais e adentra no campo da criatividade. O jogo em análise não aparece como técnica, mas sim com um fazer fundamental para a direção da cura. Nasio (1995, p.194), ressalta que para Winnicott:

> Quando existe um objeto transicional, esse objeto, como já evocamos, serve de defesa contra a angústia depressiva, mas podemos ir mais longe a sua descrição, porque esse objeto é carregado de significações [...] Representa a transição da criança pequena que passa do estado de união com a mãe para o estado em que se relaciona com ela como uma coisa externa e separada.

Estas seriam as contribuições mais marcantes na história da psicanálise no atendimento clínico infantil. Aberastury, (1982, p. 16) afirma que:

> Partindo destes descobrimentos, Hug Hellmuth, Anna Freud, Sophie Morgenstern e Melanie Klein buscaram a forma de aplicar a psicanálise no tratamento de crianças. Embora todos contribuíssem [...] foi o pensamento de Melanie Klein que marcou uma diretriz fundamental.

A partir disto, devemos considerar alguns conceitos fundamentais, que expressam nossa escolha e ressaltam as contribuições de Lacan ao atendimento clínico infantil.

A LEITURA LACANIANA DA TÉCNICA LÚDICA

Abordaremos agora uma leitura Lacaniana acerca da técnica lúdica a partir de Cirino (2001), que descreve a distinção que Lacan demarca entre a infância e o infantil. Partindo do

ISSN 1980-7341

ponto que a psicanálise é a teoria do inconsciente e o gozo, e não sobre a infância, este entendimento não se pauta na cronologia vital orgânica do ser humano, mas sim pelas coordenadas estruturais do sujeito em si.

Dentre alguns conceitos Cirino (2001) traz o "eu" como sendo uma função que se constitui no imaginário, se formando através da imagem do Outro materno. Ainda não possuindo maturidade neurofisiológica, não reconhecendo o desejo, e as suas manifestações inconscientes são da ordem simbólica, sendo este sempre alienado ao Outro. Descreve o "indivíduo" como aquele que se desenvolve pelos seus processos de maturação e de adaptação ao meio, estabelecendo aí o orgânico. Traz o termo "pessoa", como sendo um personagem, uma máscara, que é como um falso-ser, ou seja, a negação inconsciente dos conflitos, do proibido, não se mostra como é.

O sujeito, objeto de estudo da Psicanálise como descrito acima, receberá destaque em nosso trabalho, devido ao seu grau de relevância dentro da temática proposta. Abordaremos então o conceito de sujeito do inconsciente, o que nos remete a pensar a criança enquanto detentor de seus desejos, partindo do conceito de Infans até a pessoa pequena, termo usado por Lacan para diferenciar o sujeito adulto da criança.

Então, seguindo Cirino (2001), onde descreve que o "sujeito" é o sujeito do inconsciente, sendo este efeito da linguagem, que se estrutura através dela entrando no falta-a-ser, se constituindo através do Outro, se mostrando sempre onde não é procurado, ou seja: conforme destaca próprio Cirino (2001, p. 51) "Para um eu que fala o sujeito do inconsciente é um ele e não o eu". É necessário talvez destacar aqui que apesar de Freud ser o pioneiro em escrever sobre a subjetividade, o conceito de Sujeito foi estabelecido por Lacan.

No intuito de clarificar esta discussão, para nosso entendimento de maneira satisfatória, utilizaremos uma citação de Elia (2004, p.15-17) que esclarece sobre a "definição" de sujeito, ressaltando que:

Deste modo, para chegarmos ao sujeito lacaniano, julgamos necessário introduzir o conceito de Infans que vai do pequeno ser humano que ainda não foi inserido na linguagem

ISSN 1980-7341

simbólica falada, sendo esse nosso "sujeito em construção", até a criança que na concepção temporal orgânica atinge o patamar de consciência enquanto ser vivente, sendo este o adulto nosso "sujeito constituído".

Coriat (1997, p. 103) ressalta em sua obra a questão do Infans e os bebês, enfatizando que:

> [...] falando de Bebês, porém este não é um conceito formalizado da teoria psicanalítica. O que é um bebê. É algo que recobre ou substitui parcialmente o que Lacan chama de Infans, mas não são exatamente o mesmo. Infans é um significante extraído do Latim, língua morta; remete a um conceito abstrato desde o simbólico da teoria. O significante bebê remete a uma realidade cotidiana: apresenta-se de modo mais quentinho que o anterior, mais palpável, mais próximo. Se na clínica de bebês não tivermos radicalmente presente toda a articulação em relação ao Infans, saímos perdendo, quer dizer estamos perdendo a direção, tornando-se especialmente fácil cair nos lugares comuns da própria subjetividade.

Neste contexto, o Infans é considerado como aquele que ainda não está inserido na linguagem humana, sem condições de determinar ou efetuar escolhas da sua própria existência, vive em um processo de completa dependência ao Outro, e conseqüentemente alienado a este em seus desejos. Sua dependência está vinculada inicialmente aos cuidados básicos para sua própria sobrevivência orgânica, aqui em questão os bebês, não especificamente em apenas este aspecto, mas também no âmbito da subjetividade psíquica.

É a partir da linguagem simbólica em que a criança vai sendo inserida que se consideram os fatores determinantes na estruturação psíquica deste pretenso sujeito. Ao longo de sua existência, conforme vai alcançando sua independência temporal orgânica (crescendo), o sujeito vai sendo forjado pelo campo social e cultural no qual está inserido. No entanto, ainda alienado ao desejo do Outro, imerso na linguagem falada e dos gestos simbolizados pelos adultos próximos. Assim, o pequeno ser se insere socialmente e culturalmente no mundo humano.

Para estabelecer o limite entre as divergências dentro do contexto psíquico humano, o "sujeito" frente ao seu desejo, Lacan utiliza o termo pessoa pequena (criança) para contrapor o termo adulto, já que o analisante adulto recorre constantemente ao "infantil" quando no seu processo de análise.

ISSN 1980-7341

A criança é alienada ao Outro materno não apenas por sua condição frágil de sobrevivência física, mas também é dependente desse Outro para tornar-se um ser desejante. Esse Outro definido por Kaufmann (1996) como "um espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo". A pulsão sexual na criança está nítida na atividade de satisfação de desejo no próprio corpo, e na curiosidade da mesma em saber o que se passa ao seu redor. Elas se diferenciam pela fase de desenvolvimento que variam da criança que fala até a criança que já aprendeu a escrever, também pela experiência de vida, ou ainda a maneira como se posicionam diante do seu gozo e pela autonomia de sustentar seus atos.

Sobre isso, Nasio (1995, pg. 266) afirma que:

> Não sei nada do meu desejo, a não ser o que o outro me revela, já que estou obrigado a segui-lo a risca. De modo que o objeto de meu desejo é o objeto do desejo do outro, meu desejo não tem nem mesmo a sombra de um sentido; o objeto do desejo é objeto do desejo do outro, o que os movimentos do olhar ou da voz do outro me indicaram como tendo estatuto de objeto, jogado como alimento diante de mim.

Neste contexto, a posição do sujeito diante da castração, e suas possibilidades diante da linguagem, determinam a organização genital dos mesmos. Cirino (2001, p.62) diz que: "a posição diante da castração – do impossível de se inserir no campo da linguagem – diferencia a organização genital infantil da organização genital do adulto". Sendo através do complexo de castração que as posições em relação ao Édipo são definidas, conforme o sexo do ser em questão. A entrada no Édipo entre meninos e meninas se diferencia no aspecto de que a menina entra no Édipo pela castração, reconhece que não tem aquilo que não tem, e o menino sai do Édipo pela castração, reconhecendo que não tem aquilo que tem.

Porém, a castração só se efetiva para a criança quando ela toma ciência da castração da mãe, e assim toma conhecimento do desejo do Outro. A lei impessoal da castração que interdita o incesto, dita às regras e normas na vida do sujeito. Este é um ponto fundamental para que o sujeito se constitua. Sendo através desta função paterna, o que não se refere a uma presença física de um pai, mas uma função de imposição de lei e da ordem, que o sujeito pode reconhecer a castração.

ISSN 1980-7341

Lacan (1995, p. 233) expressa de maneira clara este ponto quando em sua afirmação ressalta que: “A intervenção do pai introduz aqui a ordem simbólica com suas defesas, o reino da lei [...] O pai é aquele com quem não há mais chance de ganhar [...] A ordem simbólica intervém precisamente no plano imaginário”.

Entrando na temática do tratamento analítico destinado para o adulto e para a pessoa pequena, Cirino (2001) ressalta que apesar deste tratamento proporcionar efeitos sobre o “eu”, é sobre o sujeito e o gozo que ele opera. As formações do inconsciente (sonhos, chistes, lapsos, atos falhos e sintoma) são as expressões do sujeito do inconsciente que se remete ao simbólico.

Elia (2004, p.16-17) contribui com esta idéia quando coloca que:

> [...] a experiência psicanalítica, uma vez colocada em operação através da instalação do dispositivo freudiano da associação livre, produz as condições de emergência do sujeito do inconsciente, justamente através da repetição e da transferência, e cria as condições de produção das chamadas formações do inconsciente – atos falhos, lapsos, sonhos, sintomas e chistes.

Depois de esboçar brevemente sobre alguns conceitos teóricos relevantes ao nosso estudo, é possível adentrar mais na temática da infância e o infantil dentro do limiar da teoria.

Com grande contribuição, Cirino (2001) nos relata que foi possível para Freud inventar a psicanálise a partir do deslocamento da infância para o infantil. O conceito do infantil se constituiu pela ruptura que promoveu este deslocamento do tempo cronológico para a lógica do inconsciente, que se deu a partir da substituição da teoria da sedução pela da fantasia, considerando a realidade psíquica sendo regida pelo desejo inconsciente e pelas fantasias atreladas a ele. Podemos considerar então, que o sujeito inconsciente está posto a todo o tempo, seja ele em constituição no caso da criança pequena ou já constituído no caso do adulto.

É fato que se ambos (a pessoa pequena ou o adulto) estando na posição de analisante, a diferença entre eles inexistem. Contudo, é preciso ressaltar que o que os distingue são as maneiras como se posicionam, distribuem e expressam os afetos ao longo da vida. Assim, para a criança, o brincar permite que se estabeleça um vínculo entre esta e o analista, sendo este um fator que possibilita a verbalização das suas aflições. Já no adulto os mecanismos de interpretação se baseiam na linguagem verbal. É preciso considerar que este enquanto sujeito adulto possui um vasto campo de recalque, que por muitas vezes dificultam o aparecimento do sujeito.

ISSN 1980-7341

Entrando no campo da transferência em análise, é possível trabalhar com a autora Coriat (1997, p. 298) que lança o questionamento sobre a transferência em análise com a pessoa pequena, onde descreve que o analista tem que reconhecer a criança como criança. O brinquedo aqui ganha título de objeto transicional, aquele em que a criança se utiliza para fazer a passagem do objeto perdido na fantasia até a realidade, o brinquedo, trazendo o brincar como um cenário preenchido de significantes, onde são expressadas as angústias traçadas pelo corte estabelecido pela castração.

Neste contexto, Aberastury (1982, p. 25) contribui com esta idéia afirmando que "a criança vence suas realidades dolorosas e domina seus instintos através do lúdico, e assim encontram um refúgio para ansiedade gerada pelo ódio. A criança vence seus medos através dos objetos, estabelecendo uma ponte entre a realidade e a fantasia".

Para Lacan, o brincar tem função estruturante na vida do sujeito. A primeira posição Lacaniana fazendo referência ao brincar, foi com o jogo Fort-Da em uma releitura de Freud que já havia referenciado este jogo. Onde Lacan descreve como jogo da reaparição- desaparição, destacando aí como sendo o ponto do surgimento da linguagem na criança em uma ordem simbólica. O brincar para Lacan possibilita a separação entre a criança e a mãe, ato que se pode manter em equilíbrio apenas e unicamente em uma atividade simbólica. O brinquedo enquanto objeto a, presentifica o vazio, é a partir daí que possibilita a criança transpor sua angústia. Dentro deste contexto o que dá veracidade ao ato de brincar em análise está pautado no registro do imaginário.

Coriat (1997, p. 304) afirma:

> [...] esses pequenos a que a criança precisa que estejam corporificados para metabolizar sua existência, e também para manipulá-los à vontade, ou seja, brincando, pondo em jogo os significantes que a marcaram... porém, agora, em uma nova combinatória, inédita, criada exclusivamente por ela, de sua própria autoria. O psicanalista que trabalha com crianças – enquanto semblante de um a que ainda não tem o estatuto de radicalmente perdido – é um brinquedo mágico: quando o brincar se interrompe, ou quando gira reiterativamente em repetições vazias, é o pequeno objeto o que se oferece, relançando o tear significante do desejo.

ISSN 1980-7341

A partir da teoria Lacaniana, dentro do caminhar no atendimento clínico à pessoa pequena, não se trata de criar uma técnica própria para atuação analítica com a criança, mas sim de facilitar a análise de maneira a propiciar uma comunicação entendível entre o analista e esta. Através do brincar, se permite à criança a possibilidade de entrar em associação-livre, e a partir da transferência que se estabelece na relação paciente/analista, pode-se entender o que vem da criança através da linguagem a que está inserida, e assim manejar esta a caminho da cura.

Neste contexto, o analista então não toma o brincar como uma técnica para atendimento infantil, mas sim como um mecanismo possível no setting terapêutico, onde a criança possa associar sua angústia que opera no campo da fantasia trazendo ao real através dos objetos pelos quais elege como ponte para atravessar as barreiras da linguagem. Ao permitir que a brincadeira aconteça, o analista possibilita que análise se dê em todos os aspectos, a demanda chega da maneira pela qual a criança dá conta de expressar, através da associação livre a qual dá conta, através do brincar.

Ao abordar a técnica no atendimento clínico infantil dentro da práxis analítica, nos remete a pensar em que consiste o processo de análise da criança. Para essa prática é essencial a todo aquele que inserido na cena analítica, como ator em representação ao suposto saber, busque a direção mais adequada ao tratamento mediante a demanda do analisante.

Lévy, (2008, p.71) enfatiza que:

> [...] questões essenciais que dizem respeito ao acompanhamento do tratamento com as crianças parecem nos lembrar que o analista – aquele de uma criança – não é obrigado de modo algum a gostar das crianças para poder compreendê-las. Mas que isso caso se trate de gostar, trata-se de gostar do sujeito do inconsciente, e nesse sentido o analista acolhe o pequeno cliente levado em pedacinhos pelo discurso dos pais ou instituições. [...] O desejo do analista não constitui uma categoria à parte que teria relação com crianças de um lado e adulto de outro. E talvez seja necessário insistir no fato de que, especialmente com as crianças, o desejo do analista é uma função e não um desejo particular que se dirigiria a criança. Assim, especificamente com as crianças, essa função não pode ser compreendida como um "ser sem razão de ser", pois toda a razão de ser do analista levaria os protagonistas inevitavelmente a uma relação adaptativa, pedagógica ou até mesmo terapêutica, mas certamente não analítica.

CONNECTION LINE REVISTA ELETRÔNICA DO UNIVIAG n. 11 (2014)

ISSN 1980-7341

Seguindo esta reflexão, é primordial e imprescindível que possamos destacar que grande parte dos impasses da técnica no atendimento infantil reside aí, basicamente no lugar em que se posiciona o analista mediante seu analisando, das suas possibilidades diante das demandas que lhe são investidas.

OS IMPASSES NO ATENDIMENTO NA CLÍNICA INFANTIL: O CAMINHAR DE UMA EXPERIÊNCIA

Partindo do ponto de que a psicanálise não trabalha com práticas pré- determinadas e sim com o manejo em transferência da demanda que advém do analisando, as dificuldades no atendimento a pessoa pequena surgem justamente de fatores específicos da ordem subjetiva que envolve a posição do analista mediante a demanda do analisante. Sendo viável ainda considerar um fator não determinante, mas de extrema relevância no lidar com estes pequenos seres, que parte da dificuldade de expressão, do pouco recurso verbal ao qual possuem, o que não impede uma atuação junto a esses.

No entanto, a maneira como é possível dentro do setting analítico lidar com a demanda despejada em cima do analista advinda da cena fantasmática do analisante, sabendo que aqui este é a pessoa pequena, é um ponto a ser discutido dentro de uma lógica a entender alguns dos possíveis impasses aos quais nos deparamos em nossa atuação.

O maior dentre todos até o momento, e que nos levou a trabalhar muitas de nossas questões, foi o de lidar com aquilo que nos remete aos nossos próprios impasses pessoais, o que, possivelmente acontecerá ainda em muitos dos momentos em nossa vida profissional.

Nos primeiros momentos foi muito difícil associar esta prática ao embasamento teórico proposto. Mas a partir das sessões que se corriam naturalmente, do suporte teórico nas supervisões e ainda um processo de implicação pessoal ao qual estávamos envolvidos, essas dificuldades foram tomando um rumo de compreensão não apenas intelectual, mas de certa forma no aspecto pessoal também.

ISSN 1980-7341

Este artigo foi elaborado através de uma pesquisa bibliográfica acerca do brincar e sua relação com o tratamento analítico com crianças. No entanto, acreditamos que a experiência vivida com o atendimento à criança junto a clínica do UNIVAG, veio a somar de maneira positiva a temática proposta, respaldando assim a sua inclusão neste trabalho.

Neste contexto, dentre os impasses encontrados na atuação, daremos destaque a dois dos quais acreditamos ter maior relevância no contexto da temática proposta neste artigo, onde trabalhamos o brincar no contexto do atendimento psicanalítico infantil.

1) COMO ENTENDER OS SIGNIFICANTES SIMBÓLICOS NA BRINCADEIRA DA CRIANÇA

A criança tem uma maneira muito peculiar de expressar suas angústias, é através do brincar que a pessoa pequena manifesta todos os seus afetos. Esta facilidade no lidar com o mundo do faz-de-conta é uma particularidade própria da criança. Este modo de expressão devidamente interpretado nos possibilita fazer uma leitura da sua subjetividade. Assim, o brincar, considerado um ato mediado pelo simbólico, possibilita uma ponte para o real.

Destacaremos um caso de muita relevância dentro da discussão proposta, e que poderá esclarecer alguns pontos escuros dentro de nosso processo de atuação com a criança. É necessário salientar que o nome que utilizaremos para figurar a paciente é fictício.

Sara tinha apenas 2 anos e 8 meses, veio à clínica trazida pela avó com a queixa de que ninguém suportava a menina, e que esta não respeitava ninguém, usava de um vocabulário agressivo para lidar com as pessoas o que dificultava muito o convívio com outros.

Nas entrevistas preliminares com a avó, observou-se alguns pontos fundamentais no relato da sua história de vida. Sara era criada pelos avôs e um casal de tios desde o seu nascimento. A mãe vive em outra residência com seu marido, padrasto de Sara, e segundo o discurso da avó, o fato se dá porque não tem espaço na casa em que a mãe mora com o marido para levar a menina pra viver com eles.

ISSN 1980-7341

A figura masculina a quem a criança chama de pai é seu padrasto, no entanto, apesar da menina reconhecê-lo como tal, o fato dela ter um pai biológico era verbalizado o tempo todo pela avó em sua frente, de uma maneira negativa. Neste caso, os atendimentos somaram um total de cinco sessões, ressaltando que o tratamento não prosseguiu por mais tempo não por desligamento da paciente, mas por motivos alheios a nossa vontade.

Nos primeiros atendimentos, Sara já se dirigia a estagiária com agressividade e com certa ressalva. Sempre com frases bruscas na boca e se recusando a ficar apenas com a estagiária na sala, o que dificultava nossa interação de certa maneira. Após conseguir ficar com a pequena paciente na sala era costumeiro ouvir sair de sua boca frases como: “vou quebrar sua cara e jogar no mato” ou “você é feia” ou ainda “não gosto de você”. Quando era contrariada, investia alguns chutes e brinquedos em direção a estagiária.

Esta atitude nos levou a refletir sobre toda esta agressividade investida por Sara a um outro, o chegar às vias de fato demonstra onde o simbólico falha. Observou-se que para Sara o “bater”, a “agressividade” reflete a passagem ao ato, o que se torna o ato em si.

Kaufmann (1996, p. 55 e 612) em uma leitura de Lacan afirma que a

> [...] passagem ao ato, como um momento de báscula opera fora do simbólico, em direção ao real [...] Ela seria a marca de um processo de incapacidade de metabolizar as tensões pela via psíquica, o sinal de uma homeostase mental arcaica, tributária do funcionamento persistente do sistema de descarga de tensão através da atividade motora. Uma saída de cena em que, como numa defenestração ou num salto no vazio, o sujeito se reduz a um objeto excluído ou rejeitado. Isso não impede que haja então uma do desejo do Outro. Nesse caso, porém o ato não seria “aquilo que se quer dizer” e corresponderia a uma ruptura do quadro da fantasia e uma expulsão do sujeito.

Esta passagem ao ato efetivamente constatada nos atendimentos nos levou a refletir sobre a conduta do analista em lidar com a pessoa pequena. Como o analista pode proceder diante de uma situação extrema como essa?

Neste contexto, estas observações nos levaram a refletir sobre a maneira com a qual lidamos com a criança em seu mais expressivo momento de descarga libidinal. No entanto,

ISSN 1980-7341

apesar de toda essa agressividade reportada à figura da estagiária, a postura mantida com ela era de não responder de maneira receptiva a esses investimentos, na tentativa de estabelecer uma regra nessa relação analista/analisando que de momento se iniciava. Atitude, que no primeiro atendimento foi tomada ainda de maneira muito leiga sobre o assunto, mas que no decorrer dos atendimentos e das supervisões dos casos que se seguiam foi possível estabelecer uma relação mais tranqüila e menos tumultuada com a pequena. Ficando claro que não se trata de não responder onde a criança pede, mas sim, de dar uma resposta a demanda de uma maneira inversa a que esta criança espera, disponibilizando um lugar a este sujeito. No caso de Sara, este fator possibilitou uma ressiguinificação da sua angústia, o que entra também nesta observação a relação transferencial que se estabeleceu entre Sara e a figura da estagiária.

Pensando então, na atitude do analista frente à demanda da criança, é possível visualizar que este toma um lugar não esperado pela criança, e esta ao se deparar com este ato, se depara também com a falta. Conseqüentemente, através deste bem-sucedido desencontro, isso possibilita o surgimento do sujeito. Neste caso, se partirmos da premissa de Sara estar condicionada na fase de "infans", ainda não inserida totalmente na linguagem e "presa" a uma alienação total ao outro, ficou visível sua impossibilidade de verbalizar suas angústias de maneira muito clara, mas em contrapartida as expressava intensamente através de seus atos. A menina gritava por "socorro" implicitamente em suas atitudes e palavras ofensivas.

Citando uma afirmação da autora Coriat (1997, p. 189) onde afirma que o "O brincar, instrumento chave da Psicanálise [...] se impôs sobre todas as especificidades, paralelamente à formalização de um objetivo comum: a produção de um sujeito do desejo". Em reflexão com o caso de Sara, o brincar possibilita a passagem do inconsciente ao real, o falar toma lugar de uma realização cultural. A própria renúncia libidinal da criança, que se apóia assim no analista. O que nos facilitou visualizar no caso de Sara que a sua condição de alienação está totalmente ligada ao sintoma familiar. Esta posição ocupada por ela reflete em suas ações e condutas perante os outros, perante o mundo.

Ainda Coriat (1997, p. 138) nos relata que

ISSN 1980-7341

> [...] o psíquico se constrói sobre o papel do orgânico, mas a mão que escreve está dirigida desde o inconsciente dos pais. O orgânico não é causa nem determinação do psíquico em seu aspecto afetivo; é o inverso, a estrutura relacional que os pais estabelecem com seu filho nos primeiros anos de vida deixa marcas no orgânico; seja para propiciar o nascimento de um sujeito do desejo, seja para impossibilitá-lo.

Seguindo estas reflexões o tratamento seguiu por um curto período de tempo cronológico. No decorrer dos atendimentos o intuito a priori era de tentar estabelecer um vínculo na relação analista/analisando, e a partir daí poder entrar em uma ação estruturante junto à pequena. Apesar de não se efetivar a segunda parte do trabalho, a primeira teve seu objetivo alcançado.

Kaufmann (1996, pg. 102) ressalta

> [...] a sutileza neste caso não está no aprofundamento diagnóstico, quando a rotulação sofisticada não deixa por isso de mascarar a ignorância. Ela reside antes na aplicação relacional, transferencial (e contratransferencial) de um eixo de trabalho que consiste em desenvolver a capacidade de seu desejo, ali onde estava entravado, num impasse ou (incestuosamente) subjugado.

2) EM CENA O BRINCAR SEGUNDO O OLHAR ANALÍTICO, COMPREEDENDO A POSIÇÃO ANALISTA COMO UMA FUNÇÃO.

A criança enquanto detentora de uma “inocência” em seu brincar, permite uma abertura em suas fantasias que propiciam a entrada ao inconsciente da criança. O brinquedo dentro do contexto de um brincar analítico, ao ser interpretado na transferência pode indicar o caminho da cura. Experiência que pôde ser vivenciada em outro caso, o de um menino de sete anos a quem denominaremos de maneira fictícia de Lucas. Os atendimentos somaram um total de dezoito sessões até o momento, estando este paciente em processo de alta.

Pensando a história de Lucas, é possível de início relatar o caso de maneira a referenciar o que levou a criança ao atendimento. A possível demanda foi ficando mais clara durante as entrevistas preliminares. Sendo possível observar que a mãe procurou a clínica temendo o sofrimento do filho com relação à separação do casal (dela e o marido), temor este que só veio

ISSN 1980-7341

verbalizar o que já estava acontecendo. Ao formalizar a queixa foi possível observar que a mãe se embasava no fato de Lucas estar com comportamento agressivo com ela e com outras pessoas de seu convívio e ainda em contrapartida estar se comportando apático na escola.

Durante os atendimentos com Lucas, foi observado que ele sempre se referia a mãe, ao pai e ao namorado da mãe com certa agressividade. Observou-se nos jogos aos quais eram desenvolvidos nas sessões, que ele mantinha resistência ao fato de perder, e assim, tentava manipular os jogos de maneira que garantisse seu ganho.

Neste contexto, pensando o caminhar de Lucas e os sintomas apresentados durante as sessões nas brincadeiras e nas verbalizações (agressividade com a mãe e com o pai e o namorado da mãe e a dificuldade em lidar com a perda), foi possível observar que tais movimentos refletiam seu processo de passagem ao Édipo, na dificuldade em se haver com a castração. Násio, (1995, p. 235) ressalta que no Édipo "o menino terá que decidir entre preservar seu corpo da ameaça da castração, isto é, preservar o pênis, ou conservar o objeto de sua pulsão, ou seja, mãe. [...] O amor narcísico tem primazia sobre o amor objetal". Observou-se então neste período, que Lucas perpassou pelos sintomas transitando em sua angústia da maneira que se sentia mais seguro e que é claro lhe foi possível no momento.

A dificuldade em lidar com a perda e a agressividade endereçada a mãe e aos "homens" que circundavam a sua vida, o pai e o namorado da mãe, foram sempre expressadas de maneira clara em suas "atividades" durante as sessões. Estas angústias advindas de suas fantasias persecutórias eram sempre simbolizadas pelas histórias contadas por ele ou pelos desenhos produzidos de maneira livre, onde Lucas montava um cenário fantasmático como o retrato da sua vida. Atitude que possibilitava uma ponte que permitia a passagem entre o real e o simbólico, o que lhe permitiu uma elaboração dessa angústia.

No decorrer do processo, foi possível visualizar o amadurecimento de Lucas dentro das etapas percorridas em sua análise, interpretado no momento em que Lucas ao montar uma cena em sua fantasia, se posiciona no lugar a que lhe é devido junto à mãe, o de filho, podendo tolerar o olhar desta direcionado a um terceiro, o namorado, demonstrando uma capacidade de tolerância

ISSN 1980-7341

as situações de frustrações, no caso de "lidar com a perda" e assim se haver com a castração. O que também fica visível nos jogos aos quais Lucas desenvolve nas sessões, e já tolera perder.

Macedo, (2005, p. 105) enfatiza que:

> "Durante o decorrer do Édipo, nascem e crescem no menino sentimentos ambivalentes em relação ao pai. [...] Enfim, o menino termina por aceitar o pai como o homem da mãe, identificando-se com ele, novamente, para tornar-se um homem. Porém, o predomínio dos sentimentos amorosos em relação ao pai (identificação com o rival) e inibição da agressividade, assim como a possibilidade de deslocamento libidinal para objetos exogâmicos (objejos permitidos e não- incestuosos) viabilizavam a dissexualização dos desejos destinados a mãe".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Calligaris (2004) afirma que "[...] o bem e o mal de uma vida não se decidem a partir de princípios pré-estabelecidos; eles se decidem na complexidade da própria vida da qual se trata. Um mesmo sintoma pode ser a razão do fracasso ou do sucesso de uma existência". Pensando nesta citação, é possível refletir que a criança muitas vezes chega às clínicas trazidas pelos seus pais, relatores de sua existência, despejando toda uma angústia que lhes são próprias. Cabe-nos questionar a quem se direciona a demanda a qual nos é verbalizada. O sintoma aí pode estar refletido na criança, mas ser de origem outra. Contudo não nos aprofundaremos neste assunto, pois é material para outro artigo, porém, é uma informação de extrema relevância para o trabalho proposto em questão.

No entanto, alguns são os fatores que de maneira implícita nos saltam aos olhos e nos influenciou na escolha pela clínica infantil. O maior deles foram os próprios atendimentos na clínica com crianças, momentos fantásticos que por muitas vezes nos remetem a refletir nossas próprias questões. Sendo importante enfatizar que neste momento difícil de transição da vida acadêmica, só foi possível transpor porque pudemos contar com o suporte teórico e técnico disponibilizados nas supervisões.

ISSN 1980-7341

Neste contexto, a criança enquanto “pretenso sujeito”, está alienada ao Outro, e como tal, ainda não instituída como dono de suas vontades. Na análise, o trabalho com esta se pauta no direcionamento da separação dessa alienação, do lugar de objeto no fantasma materno e no direcionamento desta em busca de seus próprios fantasmas. Ressaltando que esta passagem já se inicia no momento em que a criança deixa a mãe na recepção e quando dirige sua demanda ao Outro, no caso, ao analista.

É possível perceber dentro do limiar no campo de trabalho analítico infantil, que apesar das dificuldades encontradas na clínica com a criança, o trabalho efetivamente acontece. Pensando na diferença que são mostras específicas da capacidade de expressão existente entre adulto e a pessoa pequena, citadas no corpo do texto, parte justamente da condição que cada um possui de se expressar diante dos seus afetos.

Assim, ao brincar a criança se submete ao mundo da fantasia, mantendo a separação entre este e a realidade. O que nos leva a compreender sua relação com o real, o que muita das vezes não apenas para esta, mas para o adulto também é da ordem conflitiva. No caso da criança esta encontra estabilidade por meio do simbólico que emana da brincadeira.

Ao considerar o brincar, como uma habilidade de expressão própria da pessoa pequena, observou-se que quando concebida de uma maneira totalmente livre, entra de uma maneira totalmente aberta e não direcionada, o que propicia que o “sujeito” em questão apareça na associação que a criança traz através da fantasia em um faz-de-conta que conseqüentemente reflete no real de sua vida.

O trabalho analítico com crianças nos remete a um lugar de angústia: a de que as palavras que falamos não dão conta de expressar nosso mal estar no mundo. Sendo exatamente aí em que nos deparamos com os maiores impasses dentro de um processo de atuação. Isto fica mais claro quando nos implicamos com o processo, quando nos possibilitamos dentro de uma análise pessoal lidar com o que temos de próprio. O analista é uma função e como tal não tem uma personificação específica, não é uma pessoa ou um sujeito em si, assim não possui um corpo, e sim um lugar.

ISSN 1980-7341

Chegamos então à reflexão de que o lidar com a criança no setting terapêutico não se resume em maneiras convencionais pré-determinadas de trabalho, mas sim implicam em todo um contexto de atuação e percepção por parte do analista. O "como atuar" ou também "como direcionar" o tratamento, se pauta na interpretação da demanda advinda do sujeito dentro de uma relação transferencial. Esta "interpretação" na transferência é que permite intervenções que possibilitam ao sujeito uma reelaboração de suas fantasias, e assim de sua própria história. Sendo este um fator determinante nos resultados da análise como um todo, observou-se que no caso da criança, o interpretar acontece na brincadeira, mediante um olhar desse Outro que se estabelece na relação analista/analisando, que não se resume em uma pessoa presentificada fisicamente, mas em um lugar simbólico oferecido no inconsciente do analisando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda. **Psicanálise de Criança Teoria e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem Terapeuta: o que é importante para ter sucesso profissional.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CIRINO, Oscar. **Psicanálise e psiquiatria com crianças.** 1ª Ed. Belo horizonte: Autêntica, 2001.

CORIAT, Elza. **Psicanálise e clínica com bebês.** Trad. Julieta Jerusalinsky. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito. Psicanálise Passo-a-Passo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FREUD, Sigmund. **Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos**. Edição Estandard Brasileira, vol. X, Rio de Janeiro. Imago Editora, 1996.

_____ **Além do Princípio do Prazer** (1920). Edição Estandard Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janeiro. Imago Editora, 1996.

20

_____ **Pequeno Hans (1909**). Edição Estandard Brasileira, vol. X, Rio de Janeiro. Imago Editora, 1996.

_____ **A Dinâmica da Transferência** (1912). Edição Estandard Brasileira, vol. XII, Rio de Janeiro. Imago Editora, 1996.

_____ **Conferências Introdutórias**. (1911-1913). Edição Estandard Brasileira, Vol. XVI, Rio de Janeiro. Imago Editora, 1996.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise** – O legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jaques. Função de Campo da Palavra e da Linguagem, in **Escritos.** México: Siglo Veintuno Editores, 1984.

ISSN 1980-7341

_____ Seminário XI. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1979.

_____ **Duas Notas Sobre a Criança** (1998). Opção Lacaniana. In: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Escola Brasileira de Psicanálise nº 21. Edições Eolia, 5-6.

_____ O **seminário, livro 4: a relação de objeto.** (1956-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995

LÉVY, Roberty. **O infantil na psicanálise.** Trad. Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

Macedo, Mônica M. K. **Neurose: Leituras Psicanalíticas.** 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

NASIO, J. D. **Introdução as obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Trad. Vera Ribeiro;** ver. Marcos Camaru. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

SIMON, Ryad. **Temas Básicos de Psicologia. Introdução à Psicanálise: Melanie Klein.** Cood. Clara Regina Rappaport- São Paulo: EPU, 1986.